



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encerramento do 3º Fórum de Dirigentes de Empresas Brasil-Estados Unidos

São Paulo-SP, 10 de outubro de 2008

Como o discurso é longo, se vocês puderem... Dilma, passa um pãozinho para a imprensa ir comendo ali, enquanto a gente fala agora.

Quero cumprimentar o embaixador dos Estados Unidos no Brasil e o embaixador do Brasil nos Estados Unidos, que estão participando desta reunião e têm contribuído muito para que este fórum chegue até o dia de hoje.

Cumprimentar os ministros, nossa companheira Dilma Rousseff e Miguel Jorge,

Cumprimentar o Carlos Gutierrez, secretário de Comércio dos Estados Unidos,

Cumprimentar o nosso companheiro Rui Nogueira, subsecretário-geral de Cooperação de Promoção Comercial,

Cumprimentar o Roberto Azevedo, embaixador do Brasil junto à Organização Mundial do Comércio,

Cumprimentar os demais companheiros mas, sobretudo, o senhor David, que é o secretário de Comércio dos Estados Unidos,

O nosso querido companheiro Josué Gomes da Silva, presidente do Grupo de Dirigentes de Empresas do Brasil e o senhor Tim Solso, presidente do Grupo de Dirigentes de Empresas dos Estados Unidos,

Meus amigos e minhas amigas,

Este Fórum, lançado pelo presidente Bush e por mim em Camp David, se encerra em um momento de profunda incerteza e muita turbulência na economia mundial. A crise financeira adquiriu dimensões globais, espalhou-se



para todos os continentes. Sistemas financeiros foram duramente abalados, e com eles doutrinas e concepções econômicas que predominaram nos últimos 20 anos.

Como disse recentemente no discurso que fiz na Assembléia Geral das Nações Unidas, é chegada a hora da política. Este é o momento de adotar medidas regulatórias capazes de controlar a anarquia que se abateu sobre a economia mundial.

Por esta razão, fiz questão de telefonar ao presidente Bush para saudar a ação do governo em editar aquele pacote. Poderíamos, aqui no Brasil, ficar dizendo que foi tarde, que poderia ter sido mais cedo, mas as coisas acontecem no momento em que tem condições de acontecer, e foi extremamente medido. E outros governos também, que estão coordenando medidas de curto prazo para ver se conseguem estancar a crise e impedir que seus efeitos se estendam sobre a economia real, mergulhando o mundo em uma recessão de conseqüências sociais e políticas muito graves.

Sabemos que essas iniciativas levarão algum tempo para surtir efeito. Numa conversa que tive com o presidente Bush, a primeira pergunta que fiz foi a seguinte: “quando o pacote vai começar a surtir efeito?” E ele me disse: “Vai levar pelo menos algumas semanas, porque até as pessoas interpretarem tudo o que está escrito ali e começarem a executar, vai levar um tempo”. E é assim mesmo, todas as medidas que a gente toma não acontecem no dia seguinte, elas levam algum tempo.

O que não podemos permitir, e por isso eu fiz questão de vir aqui, companheiros, é: mesmo sabendo que algumas iniciativas... Ontem, por exemplo, o Gordon Brown anunciou um programa de 1 trilhão de dólares. Vocês, americanos, podem falar “1 trilhão de dólares” com facilidade, mas aqui para nós, brasileiros, 1 trilhão de dólares é um número tão meganúmero que nem cabe na minha boca falando “1 trilhão de dólares”. Mas, de qualquer forma, foi muito importante que o Gordon Brown tenha anunciado também o



programa para o Reino Unido.

As medidas serão tanto mais eficazes quanto forem capazes de proteger aqueles que, em geral, são os mais prejudicados em todas as crises da história do mundo. É o caso, principalmente, dos trabalhadores que vêem seus empregos e o poder aquisitivo ameaçado; dos empresários que, sem crédito, não podem investir na produção; dos poupadores, que aplicam seus recursos na expectativa de ter uma garantia no futuro e, de repente, tomam um susto; dos excluídos, que necessitam a proteção de políticas públicas do Estado. Portanto, não é justo que a parte mais pobre do mundo termine pagando pelos desacertos que uns poucos fizeram no mundo. Também não é justo que países que fizeram um grande esforço para reconstruir suas economias arquem com os custos da irresponsabilidade daqueles que conduziram essa crise na economia global.

Nós temos consciência de que precisamos pensar, também, a longo prazo. Precisamos tirar as lições dessa crise para construir uma nova ordem econômica mundial que impeça a repetição dessa crise há tempos anunciada. A crise põe em evidência a falência dos sistemas de governança mundial. Por esta razão, é de fundamental importância que as economias emergentes sejam também co-autoras, para debater e oferecer as soluções para os impasses atuais.

No Brasil, todos vocês têm acompanhado as minhas declarações, e tenho mostrado mais otimismo do que alguns gostariam que eu mostrasse e muito menos pessimismo do que alguns gostariam que eu mostrasse. Eu tento ser apenas realista. Não sou homem chegado a vender catástrofe quando não estou vendo catástrofe. Digo isso porque conheço um pouco a história do Brasil, conheço as crises que o Brasil já atravessou e sei da diferença do que estamos vivendo com o que já vivemos num passado muito remoto.

O dado concreto é que o Brasil vem há tempos se preparando para se transformar numa economia sólida, numa economia produtiva, numa economia



que não seja pega de sobressalto a qualquer espirro ou qualquer tosse de outro país.

Se nós fizéssemos uma comparação entre o que significou a crise asiática, a crise russa e a crise do México – nenhuma delas ultrapassou 70 bilhões de dólares – o Brasil quebrou três vezes por conta de uma crise que, se comparada à atual, é como se fosse um pingo d'água no oceano Atlântico e no Pacífico, juntos.

Entretanto, o que está acontecendo? É uma crise que só os Estados Unidos tiveram que colocar o equivalente a 850 bilhões de dólares, a Inglaterra mais 1 trilhão de dólares, não sabemos ainda quanto a França vai colocar, quanto a Alemanha vai colocar.

O que é importante é que os governos estão assumindo a responsabilidade de não permitir que a crise fique sem dono, porque o dono da crise pode ser o banqueiro que fez um mau negócio ou que especulou, mas também quem permitiu que um banco pudesse alavancar 35 vezes o seu patrimônio líquido. Aqui no Brasil, com muito cuidado, não se pode alavancar mais que 10 vezes, e ainda assim é muito.

É preciso que a gente aprenda, desde a administração pública até a privada, que a gente só pode gastar e só pode se endividar na medida em que o passo for do tamanho da nossa perna. Se a gente contrair dívida, seja pública ou privada, acima da nossa capacidade, acontece o que está acontecendo hoje.

E por que eu digo que no Brasil nós estamos preocupados, acompanhando todo santo dia, mas ao mesmo tempo com a certeza de que a crise pode atingir o Brasil e todos os países, na medida em que não é pouca coisa uma economia como a americana ter uma recessão, não é pouca coisa se a Europa tiver uma recessão, isso vai atingir o mundo inteiro.

Penso que o Brasil está mais preparado do que qualquer país no mundo, hoje, que esteja preparado para enfrentar uma situação. Não há sinais de que



o nosso sistema financeiro esteja envolvido nisso, até agora, Josué. Essa crise se apresentou para o mundo... eu até brincava com o Josué: se as pessoas tivessem dito a verdade há um ano, há oito meses, há cinco meses, poder-se-ia ter intervindo antes e ter resolvido o problema, ou pelo menos minimizado. Acontece que algumas pessoas agiram como se fossem adolescentes com um boletim da escola, com nota vermelha, querendo esconder dos pais. Mas obviamente, um dia, o pai vai ter acesso ao boletim ou à informação da escola e vai perceber que teve notas em vermelho. Poderiam ter resolvido as coisas antes, enquanto era menor. Foi-se permitindo que o bolo fosse crescendo e, até hoje, com todos os governantes do mundo que conversamos e com todos os dirigentes de banco que a gente conversa, ninguém ainda tem dimensão do que vai acontecer.

Agora, o que acontece com a economia brasileira? Primeiro, não só o nosso sistema financeiro não está envolvido nessa situação do *subprime*, como nós temos o País preparado para financiar as nossas exportações, para financiar o nosso sistema de crescimento. Todas as obras do PAC serão mantidas, é importante. E, para reforçar, o BNDES, para fazer os investimentos que não é possível captar no exterior.

Portanto, Gerdau, não se assuste, que nós vamos continuar fazendo o PAC funcionar tal como ele foi pensado. As hidrelétricas vão acontecer, as ferrovias vão acontecer, as refinarias da Petrobras vão acontecer, o calendário do pré-sal vai continuar acontecendo, as plataformas e as sondas vão continuar acontecendo. E se for preciso, vou viajar o mundo procurando os meus amigos, para ver quem tem dinheiro para emprestar para um bom pagador, que tem solidez para cumprir com os compromissos assumidos.

Eu faço questão de passar esse otimismo para vocês, sabendo que temos que estar preocupados, porque uma crise dessas começa, num primeiro momento, com um pouco de desconfiança; depois essa desconfiança começa no investidor; depois começa na cadeia de varejo; depois passa para os



investimentos produtivos; depois chega ao consumidor, e quando chegar ao consumidor, nós teremos problemas.

Aqui no Brasil, eu ainda disse nesta semana, num encontro com os trabalhadores da Petrobras, que ninguém precisa diminuir as compras que vai fazer. Podem continuar comprando, comprem apenas aquilo que o seu salário pode pagar, não comprem mais, comprem apenas o suficiente, porque estou convencido de que a crise é grave, mas é uma oportunidade para quem agiu com seriedade, como nós agimos.

Houve tempo, meus senhores, que não faltavam críticos que pediam para que nós gastássemos dinheiro, para que fizéssemos as coisas que pareciam ser fáceis de serem feitas. Os empresários brasileiros acompanharam o sacrifício que fizemos. Hoje estamos colhendo o resultado da responsabilidade com que nós tratamos a economia deste país.

Vamos continuar assim. Vamos continuar fazendo com que as pessoas que precisam de dinheiro para fazer exportações obtenham esse dinheiro. Vamos contribuir para que as pessoas que precisam fazer seus investimentos tenham acesso a esses recursos. Vamos garantir que as carteiras dos bancos menores sejam garantidas, por isso mandei a medida provisória garantindo que o próprio Banco Central faça o redesconto, para que os bancos pequenos não fiquem vitimados pelos bancos grandes. E vamos trabalhar para que a gente consiga mudar as regras da economia mundial.

O meu ministro da Fazenda e o presidente do Banco Central viajaram ontem à noite para Nova Iorque. Vamos ter conversas com vários setores da economia mundial. E, para nós, temos claro o seguinte: ou os bancos centrais estabelecem novas regras e os países acatam – é importante que os países acatem – e os bancos que não cumprirem as regras de funcionamento sejam punidos antes de causarem os prejuízos que estão causando. Vamos ser francos, meus amigos, de coração: a atividade bancária, a atividade de um banco, por si só, já é rentável. Trabalhando sério, com muita honestidade, à luz



do dia, a atividade bancária já é extremamente rentável. Ninguém precisa trabalhar no submundo da especulação para ganhar um pouco mais.

Num primeiro momento se prejudica apenas... é uma crise financeira, mas daqui a pouco ela chega na economia real. A economia real é que traz o prejuízo para a sociedade, na hora em que começa a ter desemprego, não tem investimento, não tem construção civil, não tem compra, não tem venda, esse é o perigo. É por isso que o mundo precisa se juntar para dar um basta nisso.

Eu me lembro – e quero terminar dizendo isso, meus companheiros – que quando eram os países pobres, sobretudo os emergentes, que estavam em crise, eu me lembro quanta gente dava palpite sobre o meu país. Uma vez fui... Não vou dizer o nome do banco aqui, para não criar problema. Uma vez fui a Nova Iorque fazer um debate com um grupo de banqueiros e, depois, fui a Londres. E fiquei, Josué, horrorizado. Um grupo de jovens, nenhum tinha mais que 30 anos de idade, certamente nunca tinham passado no Brasil ou na Bolívia, dando palpite como se fossem especialistas sobre o meu país.

Eu me lembro que perguntei para um deles: você já foi à Bolívia alguma vez? Você sabe a situação da Bolívia? Porque tratar um país sem ter em conta a questão cultural, a questão política, a questão social, apenas de uma visão que você tem, de Wall Street, não dá certo.

Então, eu penso que acabou. A era do domínio da economia virtual acabou, da economia só no papel. Agora é preciso levar o lado das pessoas que produzem, o lado das pessoas que efetivamente geram empregos, geram riqueza, geram distribuição de renda. De repente, somos vitimados por um processo de especulação que – o que é mais grave – nem os governantes sabiam, e parece que nem os bancos centrais sabiam de tudo também, porque se as pessoas agora podem até esconder do Banco Central, nós ficamos totalmente descontrolados.

Vamos trabalhar fortemente para que os governantes tomem uma atitude. Essa questão não é mais da burocracia de cada país. Ou os



presidentes e primeiros-ministros, que têm mandato da sociedade, tomam uma posição, ou os resultados do que aconteceu nessa crise podem ser muito delicado para o restante do mundo. Porque agora não é apenas vender confiança de agora, é vender confiança para o futuro.

Vou contar dois casinhos pequenos, Josué. Eu fui ao G-8 agora, no mês de julho. No G-8 perguntei para vários companheiros presidentes qual era a explicação que eles tinham para o barril de petróleo estar a 150 dólares. Todos me diziam: “É a China. É a China”. Todos me diziam que a China estava consumindo demais, portanto o petróleo estava muito caro. E eu me lembro que no próprio Senado dos Estados Unidos se levantou a tese de uma investigação no mercado futuro. Conclusão: a China continua consumindo a mesma quantidade de petróleo, e ele caiu para 85 dólares o barril. Qual é a explicação, senão a especulação?

Qual é a explicação do aumento dos alimentos no mês de junho deste ano? Como é que pode, em poucos dias, o alimento ganhar o volume que ganhou, e depois a gente descobre que já tinha mais de 300 bilhões, também de mercadoria, no mercado futuro?

É importante que todos nós, sobretudo os homens de produção deste mundo e os governantes, que a gente preste muita atenção, e é necessário trabalhar seriamente para que a gente tenha uma regulação capaz de dar tranqüilidade a todos os cidadãos em qualquer parte do mundo.

É a primeira crise forte nos países desenvolvidos. Parece ironia do destino, mas desta vez os países emergentes e em desenvolvimento estão em situação melhor do que os países ricos. Obviamente, consertar os países ricos é mais fácil do que consertar... porque os problemas sociais são bem menores.

O Brasil, posso dizer para vocês, não deixará de participar em qualquer fórum que for necessário para que a gente dê a nossa contribuição e essa crise se resolva o mais rápido possível.

Eu sei que nos Estados Unidos tem eleição, e eleição, que deveria ser



solução, sempre é uma complicação, porque durante o processo pode-se fazer pouquíssima coisa. Mas eu penso que não temos o direito de esperar. Estou indo agora para a Índia, falei com o presidente Bush e vou falar com o primeiro-ministro Singh. Eu disse ao presidente Bush: na hora da crise, Bush, a melhor resposta que a gente pode dar é fechar o acordo da Rodada de Doha. A melhor resposta que a gente pode dar à crise é a gente fechar o acordo.

E é com esse argumento que vou tentar convencer o nosso amigo primeiro-ministro Singh a aceitar o acordo, já que os Estados Unidos flexibilizaram nas coisas de interesse da pequena agricultura da Índia, não é isso, Roberto? Parece que estamos muito próximos agora. Só existe uma razão para não ter o acordo na Rodada de Doha: é a questão político-eleitoral, onde tiver. E não tem sentido que uma parte da humanidade pague o preço da irresponsabilidade de alguns.

Por último, quero agradecer a vocês. Quando eu, junto com o presidente Bush, propus a criação deste grupo, deste fórum, na verdade eu queria outro fórum, eu queria um fórum para discutir energia, porque o Brasil e os Estados Unidos precisam aprender a tirar proveito da sua grandeza. São dois países muito grandes, dois países de potencial extraordinário, e sempre nos tratamos com menos intimidade do que deveríamos nos tratar. Era aquele parceiro desconfiado.

Eu acho que este fórum está contribuindo para que os Estados Unidos tenham consciência da importância da parceria que o Brasil pode ter com os Estados Unidos e, ao mesmo tempo, pode contribuir para que o Brasil compreenda a importância da parceria que tem que ter com os Estados Unidos. E, ao mesmo tempo, olhar para a América Latina com outros olhos, com olhos produtivos, com os olhos do desenvolvimento, porque somos muito mais próximos, temos muito mais a nos oferecer do que em outros oceanos. Entretanto, de vez em quando fingimos não nos ver.

Acho que vocês estão dando um passo extraordinário. Por isso, eu



queria cumprimentá-los pelo sucesso alcançado até agora.

Parabéns.

(\$211A)